

Filosofia Contemporânea II

Rodrigo de Souza Dantas

Na história real, como se sabe, o papel principal é desempenhado pela conquista, a guerra, a subjugação, o assassinio para roubar, em suma, a violência.

Marx

Desde 1492, o ano I do capital, a formação de capital se dá por meio desta multiplicidade de guerras em ambos os lados do Atlântico. A colonização externa (Américas) e a colonização interna (Europa) ocorrem paralelamente, se reforçam mutuamente e juntas definem a economia-mundo. Essa dupla colonização é o que Marx chama de acumulação primitiva. Mas, à diferença, se não de Marx, ao menos de certo marxismo predominante, não restringimos a acumulação primitiva a uma simples fase do desenvolvimento do capital, a ser ultrapassada a partir do “modo de produção específico” do capitalismo.

Consideramos que ela constitui um modo de existência que acompanha incessantemente o desenvolvimento do capital, de maneira que a acumulação primitiva se prolonga em todas as formas de expropriação da acumulação contínua; segue-se que as guerras de classe, de raça, de sexo e de subjetividade *não tem fim.*

Éric Alliez e Maurizio Lazzarato.

Quando falo em guerra, falo de uma guerra de fato, não de guerra religiosa, mas de uma *guerra mundial fragmentada em mil partes.* (...) É a guerra pelo lucro, pelo dinheiro, pelos recursos naturais, pela dominação dos povos.

Papa Francisco

Se é impossível responder à questão: quando retornará a paz?, não é porque não se entrevê o fim da guerra, mas porque, posta nestes termos, a questão visa algo que não existe mais, dado que a própria guerra deixou de ser algo que leve à paz. (...). Essa longa guerra sem duração definida progride lentamente, não rumo à antiga paz, mas a um estado de coisas em que o elemento “guerra” não será mais experimentado como tal e o elemento paz não terá mais sentido nem substância.

Heidegger

O curso é dedicado ao estudo de obras e autores contemporâneos que, situados no epicentro do debate mundial sobre as transições, mutações e metamorfoses histórico-estruturais em curso nos últimos cinquenta anos, nos servirão de guias para uma leitura crítica, filosófica, política, da totalidade histórica do processo de produção e reprodução social da vida na “era da reprodução (cada vez mais) destrutiva do capital” (István Mészáros).

Trata-se de interpelar nossa condição social, nossa condição histórica, nosso modo de vida, suas profundas contradições e antagonismos, apresentando, em doze sessões, uma breve história do pensamento contemporâneo a partir de sua questão concretamente fundamental: o que propriamente nos fez assim? – como diria Adorno. Ou, como diria Sartre, de outro modo: o que (ainda) podemos fazer do que fizeram de nós?

I - Guerras e Capital

1 - Da continuidade entre guerra, economia e política na história do capitalismo mundial.

Nossa primeira tese é de que a guerra, a moeda e o Estado são as forças constitutivas ou constituintes, ou seja, ontológicas do capitalismo. A crítica da economia política é insuficiente na medida em que a economia não substitui a guerra, apenas a prolonga por outros meios, que passam necessariamente pelo

Estado: a regulação da moeda e o monopólio legítimo da força, na guerra interna e na externa. Para realizar a genealogia do capitalismo e reconstituir o seu “desenvolvimento”, urge conjugar a crítica da economia política a uma crítica da guerra e a uma crítica do Estado.

Éric Alliez e Maurizio Lazzarato.

O capital é um modo de produção na exata medida em que é um modo de destruição. A infinita acumulação que desloca continuamente seus limites para criá-los novamente promove uma destruição ampliada e irrestrita. Os ganhos de produtividade progridem em paralelo com os de destruição. Manifestam-se numa guerra generalizada, a que os cientistas preferem chamar de *Antropoceno* em lugar de *Capitoloceno*, por mais que as evidências mostrem que a destruição dos meios nos quais e pelos quais vivemos começa não com o “homem” e suas crescentes carências, mas com o Capital. A dita “crise ecológica” não é o resultado de uma modernidade ou de uma humanidade cegas para os efeitos negativos do desenvolvimento tecnológico, mas o “fruto da vontade” de certos homens de exercer uma dominação absoluta sobre outros, a partir de uma estratégia geopolítica mundial de exploração ilimitada de todos os recursos, humanos e não humanos.

Alliez e Lazzarato.

O capital financeiro transmite à guerra o caráter ilimitado (de sua valorização), fazendo dela uma potência sem limites (uma guerra total)

Éric Alliez e Maurizio Lazzarato

Éric Alliez e Maurizio Lazzarato (2016). Guerras e Capital. Introdução.

2 - Brasil, laboratório de uma guerra de novo tipo.

A dinâmica colonial assenta-se em uma “distinção ontológica” que se demonstrará extremamente resiliente, conservando-se mesmo após o ocaso do colonialismo como forma socioeconômica. Ela consiste na consolidação de um sistema de partilha entre dois regimes de subjetivação. Um permite que sujeitos

sejam reconhecidos como “pessoas”, outro leva sujeitos a serem determinados como “coisas”. Aqueles sujeitos que alcançam a condição de “pessoas” podem ser reconhecidos como portadores de direitos vinculados, preferencialmente, à capacidade de proteção oferecida pelo Estado. Como uma das consequências, a morte de uma “pessoa” será marcada pelo dolo, pelo luto, pela manifestação social da perda. Ela será objeto de narrativa e comoção. Já os sujeitos degradados à condição de “coisas” (e a degradação estruturante se dá no interior das relações escravagistas, embora ela normalmente permaneça mesmo depois do ocaso formal da escravidão) serão objetos de uma morte sem dolo, que será vista como portadora do estatuto da degradação de objetos. Essa morte não terá narrativa, mas se reduzirá à quantificação numérica que normalmente aplicamos às coisas. Aqueles que habitam países construídos a partir da matriz colonial sabem da normalidade de tal situação quando, ainda hoje, abrem jornais e leem: “9 mortos na última intervenção policial em Paraisópolis”, “85 mortos na rebelião de presos em Belém”. A descrição se resume normalmente a números sem história.

Vladimir Safatle

Vladimir Safatle. Para além da Necropolítica (2021).

- a) a gênese do estado suicidário.
- b) neoliberalismo e estabilização do colapso
- c) a liberdade que se realiza no genocídio.
- d) a realização terrorista da individualidade moderna

3 – Necropolítica: estado de exceção e suas máquinas de guerra nas periferias condenadas do capitalismo.

A expressão máxima da soberana reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem pode morrer.

Achille Mbembe

Guerras imperiais tiveram como objetivo destruir os poderes locais, instalando tropas e instituindo novos modelos de controle militar sobre as populações civis. Um grupo de auxiliares locais podia participar da gestão dos territórios conquistados, anexados ao Império. Dentro do Império, as populações vencidas obtinham um estatuto que consagrava a sua espoliação. Em configurações como essas, a violência constitui a forma original do direito, e a exceção proporciona a estrutura da soberania.

Achille Mbembe

Máquinas de guerra estão implicadas na constituição de economias locais ou regionais altamente transnacionais. Na maioria dos lugares, o colapso das instituições políticas formais sob a pressão da violência tende a conduzir à formação de economias de milícia. Máquinas de guerra (nesse caso milícias ou movimentos rebeldes) tornam-se rapidamente mecanismos predadores extremamente organizados, que taxam os territórios e as populações que os ocupam e se baseiam numa variedade de redes transnacionais e diásporas que os proveem com apoio material e financeiro.

Achille Mbembe

Achille Mbembe. Necropolítica – biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. (2003).

- a) O biopoder e as relações de inimizade.
- b) Necropoder e ocupação colonial na modernidade tardia
- c) Máquinas de Guerra e Heteronomia.

II – Da “racionalidade estruturalmente coagida do capital” (Marx) à “fábrica do sujeito neoliberal”.

O capitalismo é indissociável da história de suas metamorfoses, de seus descarrilamentos, das lutas que o transformam, das estratégias que o renovam. O neoliberalismo transformou profundamente o capitalismo, transformando

profundamente as sociedades. Neste sentido, o neoliberalismo não é apenas uma ideologia. É um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida.

Dardot e Laval

1 - O Neoliberalismo em perspectiva histórica

Pierre Dardot e Christian Laval. *A Nova Razão do Mundo – ensaio sobre a sociedade neoliberal*. (2010). Prefácio à edição brasileira (2016). Prefácio à Edição Inglesa (2014).

2 – Breve história da contrarrevolução neoliberal

- Dardot e Laval, Pierre. Capítulo 6. A grande virada. P. 189/243.
Neoliberalismo e Revolução Capitalista. P. 89/93.

3 - A modelagem da sociedade pela lógica da empresa e a emergência da sociedade e da “governamentalidade” neoliberal.

- Dardot e Laval. Capítulo 9. A Fábrica do Sujeito Neoliberal. P. 321-376.
Capítulo 4. O homem empresarial. P. 133-155.

a) o homem empresarial

b) o sujeito plural e a separação das esferas: a esfera consuetudinária e religiosa das sociedades antigas; a esfera do Estado e da soberania política; a esfera das relações mercantis.

- c) a modelagem da sociedade pela empresa.
- d) a “cultura de empresa e a nova subjetividade”.
- e) a empresa de si mesmo como ethos da autovalorização.
- f) “asceses do desempenho” e suas técnicas.
- g) a “gestão da alma” e a gestão da empresa.
- h) risco: uma dimensão da existência e um estilo de vida imposto.
- i) “accountability”.
- j) o novo dispositivo “desempenho/gozo”.
- k) Da eficácia ao desempenho.

4 - Diagnósticos Clínicos do “Neossujeito”

Pierre Dardot e Christian Laval. Capítulo 9. A Fábrica do Sujeito Neoliberal. P. 321-376.

- a) Sofrimento no trabalho e autonomia contrariada.
- b) Corrosão da personalidade. Desmoralização.
- c) Depressão generalizada. Dessimbolização
- d) “Perversão Comum”
- e) o gozo de si do neossujeito.
- f) O governo do sujeito neoliberal.

III - As Contradições do Capital e o Fim do Capitalismo

O “humanismo absoluto da história humana”, como escreveu Gramsci, “não visa a resolução pacífica das contradições existentes na história e na sociedade,

mas é a própria teoria dessas contradições”. A esperança está latente nelas, disse Bertold Brecht. Como vimos, há contradições convincentes o bastante no campo do capital para semear o solo da esperança.

David Harvey

David Harvey (2014). **17 Contradições e o Fim do Capitalismo. Contradições Perigosas (203-260). Ideias para a prática política. (271-273).**

1 - Contradições fundamentais, contradições mutáveis e contradições perigosas do capitalismo.

Harvey. Contradição 16 - A relação do capital com a natureza.

2 - A revolta da natureza humana: alienação universal

Harvey. Contradição 17. A revolta da natureza humana: alienação universal.

3 - Ideias para a Prática Política

Bibliografia

Allié, Éric e Lazzarato, Maurizio. **Guerras e Capital. (2018). Ubu Editora. São Paulo. 2021.**

Dardot, Christian e Laval, Pierre. **A Nova Razão do Mundo - ensaio sobre a sociedade neoliberal (2010). Boitempo Editorial. São Paulo. 2016.**

Harvey, David. **17 Contradições e o fim do capitalismo. (2014). Boitempo Editorial. São Paulo. 2016.**

Mbembe, Achille. Necropolítica - biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. (2003). N-1 Edições. São Paulo. 2018.

Safatle, Vladimir. Para além da Necropolítica. 2020.

<https://racismoambiental.net.br/2020/10/24/para-alem-da-necropolitica-por-vladimir-safatle/>